A casa do operário

Jean-Claude Bernardet

Portão de fábrica, quando o sistema de exploração entra em crise, não se transpõe. Em contrapartida, a câmara tem acesso a um outro interior: a casa do operário, sua moradia. Nem sempre. A câmara de *Greve!* não penetra na pensão onde mora um operário da Volkswagen entrevistado. Mas não penetra porque é também um lugar de exploração, e o dono da pensão oferece resistência. Após o que um longo *travelling* por um corredor escuro, como que descida por catacumbas, nos leva ao lugar onde mora uma família operária.

Olga Futemma, realizadora de *Trabalhadoras Metalúrgicas* (1978), comentava que a entrevista feita na casa de uma operária poderia ter sido feita em outro lugar, no próprio recinto onde se realizava o congresso de que trata o filme. A rigor, ter filmado a entrevista numa casa não acrescentava nada. No entanto, é nessa casa que sentiu necessidade de filmar.

Neste filme como em alguns outros, a penetração na casa pode expressar uma busca de intimidade com o operário. Nestes filmes, a intimidade com o trabalho dos operários é muito pouca. Em compensação, o encontro que se dá na casa, que não é um encontro fora do sistema de opressão já que as condições de moradia são parte integrante do sistema, possibilita ver um operário mais distanciado do sistema de opressão. A casa lhe permite um espaço um tanto mais pessoal.

A casa é também o lugar onde não costumamos ver o operário. Na fábrica, sabemos que estão. Podemos cruzar com operários nas ruas, até mesmo em ônibus. Podemos participar, de alguma forma, de assembléias. Mas,

Fernanda Montenegro e Gianfrancesco Guarnieri em Eles Não Usam Black-Tie: *a casa como centro do filme.*

na casa, não. As repetidas cenas em casas que encontramos nestes filmes podem estar ligadas a uma certa atração, a uma certa busca de intimidade que iria além das relações de trabalho que os filmes podem apreender e os momentos de luta.

Por outro lado, os filmes politizam a casa, a vida cotidiana da família. A criança que não come em *Um Caso Comum* (Renato Tapajós, 1980) ou os pratos vistos de cima em câmara alta não são apenas momentos de um cotidiano, mas a expressão da opressão que se manifesta até dentro da intimidade. Na casa, são abordadas relações marido-mulher, mãe-filhos, que mostram como o sistema penetra até no íntimo das pessoas.

A seu modo, *Eles Não Usam Black-Tie* (Leon Hirszman, 1981) realiza o sonho da casa. No seu filme, Hirszman e Guarnieri adotaram um comportamento inverso àqueles dos documentários: rejeitaram na periferia do filme os aspectos mais públicos e menos íntimos do movimento grevista. Tomamos conhecimento da assembléia que decreta a greve pelos diálogos. Os planos de trabalho na fábrica são poucos e fechados. *Eles Não Usam Black-Tie* realiza o que é possível para a ficção e vedado ao documentário (pelo menos ao documentário nas condições em que é praticado), que é acompanhar a greve no cotidiano da vida familiar, a repercussão das greves e das relações de classe aguçada sobre as relações familiares. A casa é o centro do filme, daí se parte para outros lugares e a ela se volta, enquanto no documentário, mesmo quando o interior da casa aparece, ela nunca é central.

Os Queixadas: *os próprios operários reconstituem a greve de 1962 na Perus e o reflexo na vida familiar.*